

TRANSIÇÃO

FHC critica motivação política do MST

Jose Paulo Lacerda/AE

Segundo ele, é preciso fazer levantamento de quem 'realmente quer trabalhar na terra'

TÂNIA MONTEIRO
Enviada especial

PUNTA CANA – O presidente Fernando Henrique Cardoso questionou ontem o comportamento do Movimento dos Sem-Terra (MST), e argumentou que é preciso separar o movimento social e as funções políticas do MST. “Como o MST é um movimento social com uma certa motivação política, você tira 100 mil e vêm outros 100 mil. É uma questão permanente e é preciso verificar os números para saber quem realmente quer trabalhar na terra”, comentou o presidente, acrescentando que ninguém fez tanto na área como seu governo.

“Naturalmente, o MST vai continuar dizendo que o governo não está fazendo nada”, comentou. “Eu não sei se agora, dada a proximidade do MST com o PT e, portanto, com o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, o MST vai ser menos estridente politicamente do que foi durante os anos de meu governo”, disse, em tom irônico.

Fernando Henrique deu as declarações em entrevista em Punta Cana, na República Dominicana, onde participa da 12.ª Cúpula Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo, sua penúltima viagem oficial ao exterior. Depois de criticar o Programa Fome Zero, ele manifestou confiança no novo governo, e na capacidade negociadora de Lula. Advertiu, no entanto, que chegou o momento “de compatibilizar expectativas com possibilidades”, acentuando que este será “um desafio normal” para a democracia. Em tom conciliador, desejou sucesso a Lula na tentativa de realizar as aspirações de todo o povo brasileiro.

Esta é a última participação



Na abertura da cúpula: “Lula vai ver, de agora em diante, que o presidente não é dono do seu tempo”

de Fernando Henrique numa Cúpula Ibero-Americana e uma homenagem estava sendo preparada para sua despedida. Segundo ele, Lula foi convidado para o encontro, mas preferiu não vir porque tem muitos assuntos a resolver no Brasil. A seguir, os principais trechos da entrevista:

■ **MST** – Número de 100 mil famílias que se fala em assentar é imaginário. Ninguém sabe, na realidade, quantos são (os sem-terra). Como o MST é um movimento social com uma certa motivação política, você tira 100 mil e vêm outros 100 mil. É uma questão permanente e é preciso verificar os números para saber quem realmente

quer trabalhar na terra. Ninguém fez tanto quanto eu. Agora, precisa consolidar e transformar essa pessoa em produtor rural, ampliar mecanismos de crédito, como eu fiz.

■ **Crítica** – Naturalmente, o MST vai continuar dizendo que o governo não está fazendo nada. Vão dar dados altamente discutíveis. Acho que é preciso separar o movimento social e a necessidade de continuar esse processo das funções políti-

cas do MST. Não sei se agora, dada a proximidade do movimento com o PT e portanto do presidente Lula, se o MST vai ser menos estridente politicamente do que foi durante o meu governo.

Isso nós vamos ver, mas quem vai ter de resolver esta questão é o presidente Lula.

■ **Ministério** – Eu vejo tantos nomes que dizem que eu dei (para o Ministério) e sequer cogitei... Enquanto Lula não disser que não vai ser fulano, eu não acredito. Qual o chefe de Estado que não passa por isso, pela briga por mais cargos do que os que existem para ser distribuídos? É da natureza política. Não tenho conselho a dar. Lula está mais do que treinado nisso, mas aí começam as dificuldades, dizer sim a uns e não a outros. O que vai ser beneficiado fica feliz e os outros dez que não foram reclamam. É claro que tive de fazer isso, mas não é porque quisesse, é porque não tem alternativa.

■ **Encontro** – O encontro com Lula (no domingo, no Palácio da Alvorada) eu soube pelos jornais. Vou ter o maior prazer em recebê-los, sobretudo Ruth, que

terá muito que conversar com a Marisa sobre questões práticas, sobre o manejo dos palácios. Com o presidente eleito vou conversar sobre temas do Brasil.

■ **Lula e Bush** – Já marquei minha volta. Não sabia da ida de Lula a Washington. Esse encontro deve ter sido marcado em função da agenda de Bush. Agora, são os dois que têm de conversar. Lula tem maturidade para conversar (com Bush). Não precisa estar o ex-presidente ao seu lado. Mas ele sabe que, no que for necessário, estarei às ordens.

■ **Cúpula** – Lula recebeu convite para a Cúpula. Eu mesmo entreguei a ele. Mas ele tem muito o que fazer no Brasil. Tem de aproveitar estas semanas até o efetivo exercício do poder para tomar uma quantidade de decisões enormes e também para ele próprio formar juízo sobre as questões. Eu não creio que ele pudesse realmente vir. Lula vai ver, de agora em diante, que o presidente não é dono do seu tempo, nem mesmo para questões elementares, porque está sujeito ao protocolo, à segurança e ao olhar da opinião pública, por intermédio de vocês.

■ **Confiança** – Nós temos de ter confiança na democracia brasileira, na capacidade negociadora do povo brasileiro e dos líderes brasileiros, na experiência acumulada por Lula nestes anos. Será um momento difícil de compatibilizar expectativa com possibilidade. Vai ser um desafio normal para a democracia. São transformações profundas que não serão feitas de uma vez. O partido não manda no Brasil porque depende do Con-

gresso, depende dos movimentos sociais, da burocracia, das situações internacionais, do mercado, de modo que o presidente não opera no vazio.

■ **Sucesso** – Espero que ele tenha sucesso em compatibilizar as aspirações que são de todos os brasileiros e que ele tenha sorte, que a realidade seja favorável.

■ **Campanha** – Na campanha eleitoral, o limite é a imaginação, e geralmente a imaginação é do marqueteiro. Agora, quando você está em uma função, o limite está muito próximo. O presidente Lula tem experiência em negociação sindical e sabe que nela o ponto de chegada não é necessariamente o de partida.

■ **Fome** – Eu disse que não há gente morrendo de fome como na Ásia e na África ou como já aconteceu no Nordeste, na época de seca e não havia

atenção. O problema no Brasil é subnutrição. Melhorou bastante, mas ainda há mortalidade infantil. Mas gente morrendo de fome, no estrito senso da palavra, não. E subnutrição não se resolve só dando comida. É um conjunto de políticas. Se você for para o assistencialismo, dá comida, dá uma cesta básica. Nós acabamos com isso, isso leva à corrupção, atrapalha a produção local e cria distorções fortes. Criamos outros mecanismos. O que é necessário é chamar a atenção para a fome. Mas o modo de resolver é que me parece que está sendo subestimado. É uma crítica sim. Estou repetindo o que dizem os técnicos porque há várias formas mais competentes de fazer isso. Isso é dar um passo atrás.

“Naturalmente, o MST vai continuar dizendo que o governo não está fazendo nada”

“Será um momento difícil de compatibilizar expectativa com possibilidades”